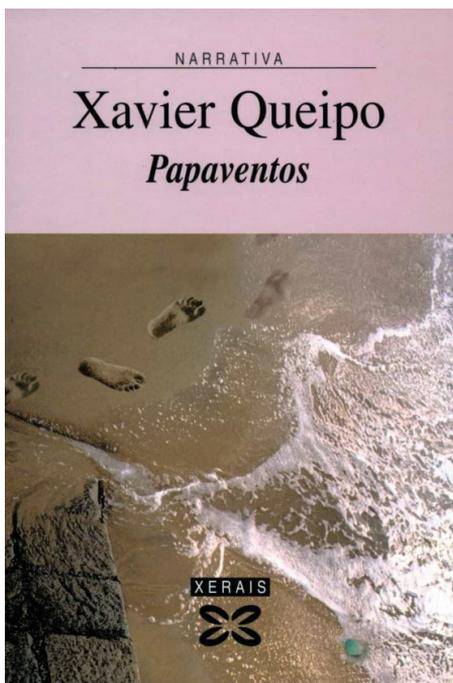


## Xavier Queipo: *Papaventos*. Vigo: Xerais, 2001, 200 pp.

*Fernando Venâncio* (Universidade de Amesterdão)



Difícilmente um cenário inicial romanesco poderia ser mais exótico. O galego Francis e a irlandesa Rose têm, numa casa de praia californiana, embalada por um Pacífico nocturno, um fulminante encontro emocional e físico. Cedo saberemos que Francis vive como tradutor para inglês e que Rose é informática, numa firma onde singrar rumo ao topo é o mandamento número um. Assim arranca *Papaventos* (2001), do romancista galego Xavier Queipo, ou *Bebendo o Mar* (2003), na versão portuguesa.

Dois acontecimentos inesperados vão, a breve trecho, comandar o desenrolar da história. O tradutor é informado de sofrer duma afecção degenerativa da vista, que o deixará cego num máximo de seis meses. Pouco depois, em San Francisco, recebe do editor, Martin, a tarefa urgente de traduzir *Ensaio sobre a Cegueira*, de certo Saramago, para quem se espera, muito em breve, o prémio Nobel. A luta contra o tempo principia então. A tradução exigirá preparação, com a detida leitura de obras anteriores do autor português, enquanto aquela condenação à privação da vista começa a sua contagem irreversível.

A narração vai-nos brindando com paisagens variadas da Califórnia, mas igualmente com requintes de culinária, das mercearias finas até à carta de vinhos e destilados, e com ambientações musicais em que o tradutor espalha raro à vontade. O peixe revela-se o material de eleição, mas o acompanhamento hortícola mostra um também indefectível esmero. Rose preferiria algum maior consumo de carnes, mas acomoda-se. O seu amor por Francis e a sua natural independência não serão beliscados por tão pouco.

Xavier Queipo (Santiago de Compostela, 1957), que já publicara vários romances, alguns deles premiados, tece aqui, com visível mestria, uma história em que vários relógios vão batendo com crescente premência: o do prazo de entrega da tradução, sempre apertado, e outro, mais inelutável, o duma visão destinada a diminuir até à completa cegueira. Entretanto, outra figura vai emergindo, a de Andy, centro duma vida anterior de Francis, em Chicago. A caminho da Galiza, onde decide passar os últimos dias de vidente, Francis encontra-se com Andy, e eles descobrem que aquele antigo amor nunca morreu. No fim, numa aldeia galega, quando um negro destino se abater, Rose e Andy vão encontrar-se, e agora saber, com maior ou menor aceitação, que coexistiram no coração do tradutor.

A tarefa de tradução do *Ensaio* estava pronta para envio à casa editora em San Francisco. Só que a voluntariosa intervenção de Rose não só impede que tal remessa se efectue, como procederá à destruição daquele produto final, assim se punindo o editor pela intempestiva pressão a que viera sujeitando o seu tradutor. Em suma: como em todas as boas intrigas, de todo o sucedido não ficará rasto.

Dado curioso: nunca, neste romance, se nos fornece a explícita datação dos factos. Contudo, alguma coisa, a esse respeito, se consegue apurar. *Ensaio sobre a cegueira* saiu, na editora Caminho, de Lisboa, em finais de 1995. As diligências para uma edição em inglês poderiam, assim, iniciar-se em começos do ano seguinte. Ora, na economia interna do romance de Queipo, aponta-se para uma acção nunca anterior a 1997, visto acharmos referido o consumo de certo tinto desse ano. Por outro lado, uma larga parte do ano de 1998 seria, ela também, integrável nestes cálculos, visto só em Outubro desse ano Saramago receber o Nobel. Em suma: tanto 97 como 98 poderiam ser o ano da acção. Certo é que o desenlace se dá em época estival, o que se depreende duma frequentação de praia galega com um banho colectivo de mar.

Observemos, agora, a realidade extraficcional. *Blindness*, a tradução inglesa do romance em questão, saiu em 1997, assinada por Giovanni Pontiero (1932-1996), escocês de ascendência italiana, que desde 1987 viera traduzindo para inglês outras seis das ficções de Saramago, à medida que ele as publicava. Anote-se que a primeira dessas traduções, *Baltasar and Blimunda*, de 1987, título inglês de *Memorial do Convento*, havia-se revelado um imediato sucesso de vendas e da crítica, e isto iria repetir-se a cada novo título. Assim, aquele “un tal Saramago” do editor norte-americano denuncia-se como mero investimento dramático.

De reter, sim, que *Blindness* ficaria sendo a última tarefa de Pontiero:

o tradutor não veria impressa a obra em inglês. É patente, pois, a colagem da ficção de Xavier Queipo a um dado histórico. Tal como o real Pontiero, o protagonista galego deixaria pronta, ao falecer, a versão para inglês do mais perturbador dos romances do ficcionista português.

A escrita de Xavier Queipo é de assinalável qualidade. Ela denuncia nítida consciência dos materiais e dos efeitos que deverão provocar. A narração apresenta-se factual, despida de enfeites. Mesmo o dado central, o daquela cegueira inelutável a prazo, é aludido com conta e medida. Só de longe em longe somos recordados «de pai que non pode ver os fillos, de home que viu, que sabe das cores e das formas e vai perdelas». É mais uma nostalgia do que um desastre. As pegadas que Francis deixa na areia duma praia inspira-lhe esta reflexão, mais propriamente nostálgica: «Ollounas como se fose a derradeira vez que ollaba para o pasado, para as pegadas na area e na vida, para o camiño que agora se facía angosto, e angustioso, e remataba nun túnel negro, nun funil que estreitaba cara a un fondo imperceptible, onde só se entraba para morrer, para deixar de ser, para perdelo todo. Mesmo os soños».

Mais curiosas, mas decerto não estranhas, são as passagens em que se percebe um *tom* saramaguiano, feito de solenidade e sabedoria. Seja este caso: «Tes razón. Se non sabes a resposta non formules ese tipo de preguntas, e se a sabes xa non necesitas preguntar». Na despedida com Andy, em Chicago, achamos um diálogo que não destoaria no romancista português. Tendo Francis afirmado que, da próxima vez, distinguiria o amigo pela voz, já que «As voces teñen todas as texturas posibles», Andy atira: «Xa comezas a falar coma se che faltase a vista». Muito característicos dessa tonalidade saramaguiana são os remates de capítulo, de tipo sentencioso e inesperado. Assim, o capítulo 12, em que Francis, já no Padrón natal, tem uma longa conversa com o primo Clodio, termina com a observação: «Do que non falaran fora da cegueira». De modo semelhante se encerra o capítulo 14: «Aquela noite foi longa e de moita calor. Abriron as fiestras [janelas] e fixeron o amor coas luces apagadas, coma se fosen cegos».

Menos felizes, porém, nos deixa a edição portuguesa deste romance. *Bebendo o mar* é, em matéria de tradução, um produto (sejamos piedosos) largamente descuidado. Uma boa revisão do português teria atentado em construções do tipo de «*havian* sempre atrasos», «não *haveriam* mais traduções», «a adegna na qual *havian* as reuniões», «desde sempre *havian* imprevistos», ou em formas como *detiam* (por *detinham*) e *vim-me encurralado* (por *vi-me*).

Maior relevância recebe a descoincidência semântica, os chamados ‘falsos amigos’, que, existindo entre galego e português, são entre o castelhano e o

nosso idioma mais numerosos e traiçoeiros. Com efeito, dada a onda de castelhanização do galego no último século (a castelhanização do português deu-se nos séculos XVI e XVII), um tradutor do galego tem de estar familiarizado com os muitos problemas de significação que o castelhano cria ao utente do português. Não foi, patentemente, o caso aqui. Alguns dados mais salientes.

Os castelhanos *azar* (acaso), *apenas* (mal, quase não), *torpe* (desajeitado) ou *exquisito* (refinado) pertencem ao top 10 desta matéria. Eles figuram, aqui, sem transposição. Importaria ter presente, também, que as ‘ilusões’ castelhanas são habitualmente os nossos ‘entusiasmos’, que *apurar* é o nosso ‘apressar, acelerar’, que *despejar* é ‘aliviar, limpar’, que *querer* alguém é quase sempre ‘amar’. De todo incompreensível é o uso omnipresente de *novela*, num livro sobre o romancista Saramago. Não, a palavra portuguesa ‘romance’ não aparece nunca.

Num artigo que publiquei em 2007 em *Viceversa*, revista galega sobre tradução, ocupei-me (entre outras obras traduzidas do galego) deste *Bebendo o mar*, pondo em particular evidência os conseqüimentos da tradutora Dina Almeida. Uma leitura recente (e aceitemos que mais informada) permitiu-me perceber melhor os escolhos e as indevidas soluções. E, no entanto, já nesse artigo se sublinhava quanto esta problemática se revela geral, sendo a tradução de idiomas tão próximos, como são o galego e o português, uma tarefa a rodear dos maiores cuidados.

Tomou José Saramago alguma vez conhecimento deste livro de Xavier Queipo que tão perto tocava o mundo do nosso ficcionista? Saramago sobreviveu oito anos à edição galega e seis à sua tradução. Contudo, nenhuma referência a elas se lhe conhece. Custa, verdadeiramente, a crer que um tão original contributo ao reconhecimento e ao renome do romancista lhe haja passado despercebido. Mas tudo indica que, estranhamente, importará conformar-nos com este enigma.

### **Referências bibliográficas**

Esteves, Lenita Rimoli. 2009. “Giovanni Pontiero, tradutor de Saramago”. In: *TradTerm*, vol. 15, pp. 11-24.

Queipo, Xavier. 2001. *Papaventos*. Vigo: Xerais.

Queipo, Xavier. 2003. *Bebendo o Mar*. Porto: Deriva Editores. Trad. Dina Almeida.

Venâncio, Fernando. 2007. “Palavras doutra tribo. Sobre traduções de literatura galega”. In: *Viceversa*, Vigo, 13, 25-54.